



## 10º Simposio de Ensino de Graduação

### REVENDO TEORICAMENTE A CRISE CAPITALISTA: CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

#### Autor(es)

---

VIVIANE GARCIA RIBEIRO

#### Orientador(es)

---

MARIA THEREZA MIGUEL PERES

#### 1. Introdução

---

É possível justificar o trabalho ora apresentado quando se constata que as crises econômicas dos últimos anos têm explicitado as fragilidades da economia capitalista que historicamente tem buscado mecanismos diferenciados para garantir seu processo de expansão do capital.

Esse processo de expansão, que ultrapassa as fronteiras nacionais, também tem sido acompanhado por períodos de recessão ou baixo crescimento econômico, aprofundando as desigualdades sociais e manifestações sociais da população clamando por justiça social. Alguns exemplos mais recentes dessa economia considerada Globalizada, comprovam essa fragilidade: em 1997 o Leste Asiático enfrentou crise financeira, na América do Sul foi muito debatida a crise social, política e econômica enfrentada pela Argentina entre os anos de 1999/2002. Mais recentemente, nos Estados Unidos, a crise dos empréstimos hipotecários a partir de 2006, tem colocado a economia norte americana diante de grandes dificuldades e desafios para superar esse cenário de crise que se espalha mundialmente alcançando países da União Europeia. As instituições financeiras de diversos países que pertencem aos quadros das economias capitalistas desenvolvidas foram demandando ações dos respectivos Estados que vêm provocando acentuado déficit público que se complica nesse período de desaceleração econômica mundial. As políticas econômicas adotadas pelos governos fazem retomar um intenso debate teórico e político sobre a crise econômica deflagrada comparando-a com a crise dos anos de 1930. Diante desse debate, a defesa da interferência do Estado nas economias capitalistas tem se defrontado com uma concepção analítica marcada pela defesa do livre mercado como regulador da economia e capaz de restaurar o equilíbrio dispensando portanto o vínculo entre crise econômica e capitalismo. Para melhor compreensão dessa economia que historicamente vem apresentando períodos de crise surgiu o interesse de recuperar dois paradigmas teóricos que ofereceram de forma diferenciada referências analíticas importantes sobre a economia capitalista que marcaram por um lado a defesa do pensamento liberal e por outro lado uma significativa oposição a esse pensamento. Dentre esses dois paradigmas a teoria neoclássica tradicional que tem origem nas últimas décadas do século XIX, centrou sua análise econômica no indivíduo, admitindo que o seu comportamento busca atender seus interesses e suas preferências e que os agentes econômicos, portadores dos fatores de produção se responsabilizam pela oferta de bens e serviços. O mecanismo de mercado, através da produção, da circulação e da repartição ajusta de forma satisfatória o emprego dos fatores e a satisfação dos indivíduos enquanto consumidores (Prado; 2001:11). O pensamento neoclássico embasado no conservadorismo utilitarista apresenta uma teoria da distribuição que associa o capitalismo concorrencial com um ideal de justiça distributiva, ressalta esse capitalismo como exemplo de eficiência e racionalidade econômica e ainda afirma a capacidade reguladora desse mercado afastando o governo de intervenções na economia atribuindo a esse apenas o cumprimento de contratos e a defesa dos interesses privados (Hunt; 1982). O paradigma liberal-neoclássico não tem uma teoria sobre as crises, até porque estas não são o objeto de estudo desta corrente do pensamento econômico. Dentro deste paradigma, a Lei de Say (cujo nome se deve a seu formulador Jean Baptiste Say) com seus pressupostos (moeda como elemento neutro, mercados eficientes, racionalidade nas expectativas, equilíbrio via livre-mercado) avalia a economia capitalista como um sistema harmônico. Nessa perspectiva a constatação de crises está ligada, na verdade, a turbulências pontuais. São fenômenos naturais que explicam suas ocorrências e decisões e ações inadequadas pela ineficiência dos controles privados e governamentais (Balanco, Filgueiras, Pinheiro; 2009). No entanto, a concentração industrial na forma de grandes empresas, trustes e

cartéis, proveniente do desenvolvimento de mercados de capitais e progressos na esfera produtiva e distributiva, indicava dois efeitos em fins do século XIX: o primeiro, de como a concorrência não regulamentada se tornava cada vez mais inacessível para as pequenas empresas, beneficiando o grande capital; e como um segundo efeito a anarquia dos mercados se agravava com a redução da flexibilidade e do ajuste do mercado decorrente das grandes empresas que se formavam. O contexto econômico era marcado por crises mais frequentes, graves e de longa duração. Diante disso, os mesmos capitalistas voltavam-se ao governo para superar a crise (Hunt; 1982). Já é possível antever o quanto esse paradigma de análise estava se distanciando da realidade capitalista embasando a ideologia liberal. No século XX a Grande Depressão 1930 põe a prova a contribuição dos neoclássicos exatamente no período em que a Lei de Say predominava no pensamento econômico postulando que a oferta cria sua própria demanda e, portanto desequilíbrios e crises estavam afastados. Que análise teórica pode se contrapor aos postulados de Say? Como foi analisada essa crise econômica? Quais foram suas consequências sociais, econômicas e políticas? Essas questões não podem ser respondidas sem conhecer outro paradigma de análise apoiado nas concepções de John Maynard Keynes (1883/1946).

## 2. Objetivos

---

Identificar a contribuição analítica presente no paradigma keynesiano sobre a crise capitalista.

## 3. Desenvolvimento

---

O trabalho ora apresentado foi elaborado a partir de leituras decorrentes do levantamento bibliográfico realizado para a disciplina de monografia exigida no curso de Ciências Econômicas da Unimep. Essa monografia tem como objetivo analisar as consequências teóricas da crise de 1929, analisando suas características econômicas e sociais assim como seu impacto na economia brasileira. O referencial presente nos paradigmas analisados são importantes para atender aos objetivos propostos e paralelamente articular a teoria com a situação real das economias capitalistas não só nos anos de 1930 mas também nesses anos mais recentes.

## 4. Resultado e Discussão

---

Como resultado parcial do trabalho é possível afirmar que as crises econômicas do capitalismo vêm se manifestando desde a última metade do século XIX e foram agravadas no século XX culminando na Grande Depressão. A economia capitalista desde então já demonstrava a dificuldade de harmonizar não só sua oferta e demanda, mas também por um lado a prosperidade com a presença marcante do capital financeiro e de outro a pobreza e o subdesenvolvimento. Os estudos enfatizam que o automatismo do mercado, nada tinha a oferecer como solução às crises sistêmicas do capitalismo. Nesse sentido o paradigma neoclássico não oferecia suporte teórico para compreender a crise vivida e muito menos alternativas para sua superação. Keynes atribuiu o debilitamento do capitalismo à deficiência de demanda, de modo a expor a distância existente entre o capitalismo industrial e o mundo ideal dos neoclássicos.” A evidência prova que o pleno emprego, ou mesmo o aproximadamente pleno, é uma situação tão rara quanto efêmera”(Keynes; 1936:173).

Admitindo um movimento cíclico da economia capitalista esse autor chama atenção para a eficiência marginal do capital incorporando o futuro na avaliação do investimento e as expectativas em relação aos rendimentos. Como a eficiência marginal do capital é uma taxa de rendimento que se espera obter do dinheiro aplicado na produção de um bem ou produto considerando o seu preço de oferta ou reposição desse bem o autor reconhece que fatores futuros podem modificar essa taxa de rendimento e diante disso as decisões empresariais podem ser modificadas, ampliando ou reduzindo a produção. O movimento cíclico está atrelado às variações da eficiência marginal do capital, com tendências ascendentes e descendentes. Para entender a crise, deve-se considerar as expectativas correntes relativas ao futuro como um elemento fundamental e que são sustentadas por bases variáveis e incertas. A possibilidade de modificações violentas e repentinas em tais expectativas pode servir de base ao colapso da eficiência marginal do capital e, assim, explicar a inflexão econômica.

Na etapa expansiva da economia, as expectativas quanto ao lucro futuro tornam-se tão otimistas que compensam fatos decorrentes de um mercado aquecido com demanda elevada por moeda, como a elevação dos custos de produção, alta na taxa de juros e abundância de bens produzidos. No entanto, quando qualquer alteração cessa o otimismo de algum mercado há um colapso das cotações e enorme preferência por liquidez. Surgem dúvidas quanto ao rendimento futuro e isso se propaga subitamente. Essa propagação é explicada, segundo o autor, por compradores ignorantes do que comprar e especuladores mais interessados nas previsões do mercado:

As últimas etapas da expansão são caracterizadas por expectativas otimistas relativas ao rendimento futuro dos bens de capital suficientemente fortes para compensar a abundância crescente desses bens, a alta de seus custos de produção e, provavelmente, também, a alta da taxa de juros. É próprio da natureza dos mercados financeiros organizados, sob a influência de compradores em sua

---

maioria ignorantes do que comprar e de especuladores mais interessados nas previsões da próxima mudança de opinião do mercado do que numa estimativa racional do futuro rendimento dos bens de capital, que, quando a decepção advém a um desses mercados otimistas em demasia, e superabastecidos, as cotações descem em movimento súbito e mesmo catastrófico (Keynes; 1988: 295).

## **5. Considerações Finais**

---

Diante do que foi exposto, os paradigmas teóricos da análise econômica se diferenciaram significativamente, apresentando divergências que mobilizaram o debate sobre a economia capitalista buscando aproximar cada vez mais a teoria econômica da economia real. Entretanto é preciso registrar que tais paradigmas desenvolveram suas teorias e formularam suas reflexões acreditando que o capitalismo pode ser mantido, desde que, segundo Keynes, fossem respeitadas as reformas necessárias de acordo com os problemas e incertezas constatadas. Nessa perspectiva a discussão sobre as crises econômicas no capitalismo não poderia ignorar, para continuidade dessa investigação, o paradigma marxista, explorando assim outra abordagem sobre a crise e a sobrevivência do capitalismo.

## **Referências Bibliográficas**

---

BALANCO, P. A. F.; FILGUEIRAS, L. A. M.; PINHEIRO, B. R. Economia política e crise capitalista: a crise atual à luz da teoria econômica. Disponível em: . Acesso em 10 mar. 2012.

HUNT, L. K. História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica. Tradução de Jose Ricardo Brandao Azevedo. Rio de Janeiro: Campus, 1982.

KEYNES, J. M. (1936). Teoria geral do emprego, do juro e da moeda. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

PRADO, E. F. S. A Ortodoxia Neoclássica, Estudos Avançados, vol.15, São Paulo, Jan./Abr. 2001.